
A cobertura da Folha de São Paulo pré-Jogos Olímpicos/Tóquio 2020¹

Janaina Andretta DIEDER²
Eduardo Gabriel SEBASTIANY³
Alessandra Fernandes FELTES⁴
Gustavo Roese SANFELICE⁵
Universidade FEEVALE, Novo Hamburgo, RS

RESUMO

Em meio a pluralidade de interesses que entram em conflito e se complementam na realização de megaeventos como as Olimpíadas, este estudo busca analisar alguns dos signos que emergem na cobertura do jornal Folha de São Paulo no período que antecede os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Através da análise de conteúdo, notícias relacionadas aos Jogos durante o período de 23 de junho a 22 de julho de 2021 foram categorizadas e elencadas de acordo com o número de inferências, totalizando 526. Foram elas Atletas (com 180 inferências), Organização do Evento (132), Modalidades (95), Cultura Japonesa (50), Manifestações Políticas (36), Cancelamento dos Jogos (26) e Cobertura da Folha (7). Após uma análise mais apurada de cada categoria, foi possível agrupá-las em dois blocos, aqueles referentes às relações simbólicas, tensões sociais e políticas e aqueles com inclinações mercantis e pragmáticas.

PALAVRAS-CHAVE: Cobertura midiática; Jogos Olímpicos; Folha de São Paulo.

Introdução

Os megaeventos esportivos são acontecimentos permeados por questões econômicas e políticas. A evidência internacional que os Jogos geram, sobretudo ao país sede, reflete relações de poder, tanto culturais e ideológicos quanto políticos e econômicos. Segundo Nye (1990), cabe à mídia internacional a disseminação do retrato sociocultural dos países expostos durante os megaeventos e conforme as nações

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade FEEVALE, e-mail: janaina.dieder@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Educação Física da Universidade FEEVALE, e-mail: eduardo_n8@hotmail.com.

⁴ Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade FEEVALE, e-mail: alessandrafeltes@gmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Educação Física da Universidade FEEVALE, e-mail: sanfelicex@feevale.br.

destacam-se nesse cenário, elas exercem o poder de influência internacional de modo indireto, sem necessidade de coerção econômica ou militar.

As proporções grandiosas que os megaeventos esportivos adquiriram, do ponto de vista midiático, apresenta terreno fértil para comunicação mercadológica, visto o alcance de múltiplos segmentos sociais. (EHRENBERG; GALINDO, 2018). Os interesses econômicos e políticos das Olimpíadas por vezes subjugam os valores olímpicos, como a prática ética e moral, a competição esportiva, a igualdade, a capacidade e espírito de superação (RUBIO; MELO, 2019), como exemplificado em casos recentes e sistemáticos de *doping*.

Desde sua criação em 1896, os Jogos Olímpicos têm se reestruturado e incorporado símbolos e ritos próprios, agendando a cada novo evento, um espetáculo mais grandioso que o anterior. Em seus primórdios, as Olimpíadas pretendiam grandes feitos para homenagear aos deuses, atualmente, o entretenimento promovido pelo megaevento gera uma complexa rede de interesses, de modo que até mesmo a escolha do país sede leva em consideração as instalações disponíveis, a adaptação dos espaços, criação do projeto olímpico, estrutura de transporte, telecomunicação e projetos urbanos, pois sua realização impacta diretamente no cotidiano do anfitrião. (BRITO, 2022).

Ademais, os Jogos do Tóquio 2020 foram marcados por um evento singular: uma crise epidemiológica mundial de Coronavírus. Um megaevento com a escala global alcançada pelas Olimpíadas anteriores certamente seria um ambiente propício para a contaminação em massa de COVID-19. A quantidade de pessoas envolvidas nos jogos, sejam visitantes, voluntários ou mesmo atletas seria muito grande, todos concentrados em uma área que foi rota de contágio considerável, como descrito por Gallego e colaboradores (2020). Os Jogos só vieram a ser realizados no ano seguinte, em 2021, com um rígido plano de contingência elaborado em conjunto pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o próprio governo do Japão, mesmo assim contando com casos de contaminação e movimentos contrários a realização dos Jogos.

Haja vista a pluralidade de interesses, conflitos e relações de poder, somados a relevância simbólica, social e cultural que um evento desta magnitude apresenta, este estudo busca analisar a cobertura midiática do jornal Folha de São Paulo no período pré-Jogos Olímpicos de Tóquio 2020.

Metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa/descritiva, empregando a técnica de pesquisa de Laurence Bardin, denominada análise de conteúdo (2016). Na fase de pré-análise foram selecionados os materiais que comporiam a pesquisa através da leitura flutuante de notícias do jornal Folha de São Paulo. As edições selecionadas compreendem a pré-cobertura no período de 23 de junho a 22 de julho de 2021. As notícias que compuseram o corpus da pesquisa foram aquelas que se referiam à própria Olimpíada.

Durante a fase de exploração do material, as palavras-chave para descrição de cada notícia compuseram as chamadas unidades de registro que serviram para agrupar as notícias em categorias na fase seguinte. Já os elementos constituintes das notícias serviram como unidade de enumeração para quantificar o destaque dado pela Folha a cada notícia, sendo eles capa, títulos, subtítulos, textos, imagens e recursos visuais. A presença de um desses elementos em cada item analisado corresponde a uma inferência. Deste modo, o corpus de análise foi categorizado em sete componentes com um total de 526 inferências. Foram elas:

-Atletas (com 180 inferências), cujo foco era os competidores, seja através de relatos da trajetória de vida, seja sobre as expectativas de vitória que estes apresentaram.

-Organização do evento (com 132 inferências), em que questões ligadas a gestão do megaevento foram destaque, tais como as medidas de proteção sanitária, estrutura e realização do evento, bem como as normas adotadas para a recepção de atletas, turistas e jornalistas.;

-Modalidades (com 95 inferências), esta categoria enfatiza uma ou mais modalidades especificamente, agendando seu papel, relatando problemas ou apresentando-as para os leitores.;

- Cultura japonesa (com 50 inferências), notícias cuja intencionalidade é apresentar aspectos específicos do país sede, como seus costumes, cultura e hábitos dos japoneses.;

- Manifestações políticas (com 36 inferências), onde foram alocados as notícias referentes a atos políticos dos jogadores que reivindicavam alguma pauta da agenda social;

-Cancelamento dos Jogos (com 26 inferências), que diz respeito aos movimentos, principalmente de japoneses, que pediam a não realização do megaevento, sobretudo devido à crise sanitária do período.

-Cobertura da Folha (com 7 inferências), que reporta ao leitor sobre a equipe de cobertura e os serviços que o jornal disponibilizou aos seus clientes durante as Olimpíadas.

Para melhor elucidação da última etapa da análise de conteúdo, optou-se por descrever alguns dos materiais recolhidos, relacionando-os com a interpretação realizada em cada categoria.

Categoria Atletas

Algo que a Folha privilegiou em seu agendamento midiático foi destacar a equipe de atletas que representaria o Brasil no Japão. Foram cerca de 36 notícias com enfoque nos participantes, muitas destas sobre os brasileiros. As apresentações variam bastante conforme a notícia, porém, em geral, introduzem os leitores a história de vida dos atletas, suas dificuldades e superações, o que funciona como técnica narrativa para a geração de empatia. Conforme se aprende sobre um personagem, a narrativa é capaz de evocar sentimentos e influenciar o engajamento do público com a construção midiática corrente. (LINDGREN, 2020). Assim, o público acaba torcendo pelos protagonistas da trama brasileira nos Jogos Olímpicos, gerando sensações de pertencimento, representatividade e nacionalismo.

Nas páginas B8 e B9 do dia 20 de julho, a Folha apresenta uma espécie de diário com acontecimentos recentes de 3 atletas: Kahena Kunze, Ana Sátilla e Yndiara Asp. A notícia traz uma breve introdução das atletas, indicando suas modalidades e em seguida apresentando as falas delas em determinados momentos de suas trajetórias em que elas tiveram algumas conquistas, relataram suas expectativas e o seus cotidianos, como a chegada a Vila Olímpica, o nascimento de familiares e algumas inseguranças quanto às questões sanitárias. Fica evidente que as falas têm a intencionalidade de aproximar os leitores das competidoras ao se identificarem com suas vivências, ao mesmo tempo que apresenta uma agenda de dedicação ao esporte e sinaliza o sentimento de merecimento de futuras conquistas. Futuras vitórias destas atletas possibilitam a consolidação do triunfo contra as adversidades, evidenciando uma narrativa de proeza e superação que pode ser

construída pelo Jornal através da construção dos heróis que lutaram pelo Brasil nos Jogos Olímpicos. (FELTES; et al, 2020).

Atletas olímpicas contam em diários expectativas e preparação para Jogos

Kahena Kunze, Ana Sátila e Yndira Asp compartilham ansiedade da reta final para a Olimpíada

Redação | São Paulo | 19 de julho

Na manhã de sexta-feira, 19 de julho, as atletas olímpicas Kahena Kunze, Ana Sátila e Yndira Asp compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. As três atletas estão em um hotel em Tóquio, no Japão, e estão se preparando para a competição de canoagem. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.



Kahena Kunze, selecionada brasileira da classe K1 para defender o Brasil no slalom em Tóquio 2020. Foto: Roberto G. Silva/Agência Brasil



Yndira Asp, que disputará a Olimpíada de Tóquio 2020. Foto: Roberto G. Silva/Agência Brasil

Classificação tensa e o sonho da pista em casa

Redação | São Paulo | 19 de julho

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Trabalho e relaxamento nas doses certas na reta final

Redação | São Paulo | 19 de julho

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.



Yndira Asp em uma canoa durante uma competição de slalom. Foto: Roberto G. Silva/Agência Brasil

Discriminação contra brasileiros, dores e vitória

Redação | São Paulo | 19 de julho

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Em meio a uma rotina de treinos e preparação, as atletas compartilham suas expectativas e a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Kahena Kunze, 34 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Ana Sátila, 32 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom. Yndira Asp, 30 anos, é brasileira e competirá na categoria de slalom.

Fonte: páginas B8 e B9 do dia 20 de julho - Jornal Folha de S. Paulo - <http://acervo.folha.com.br>

Assim, a Folha estaria pré-determinando as personagens que seriam relevantes em breve, apresentando-os ao público, e, ao relembrares dos atletas em posições de destaque dentro dos Jogos, ocorre um fenômeno de reconstrução e compreensão da memória, uma vez que é mais provável selecionar lembranças que afetam emocionalmente o público. (BATISTA; BARBOSA, 2020).

Organização do evento

Em conjunto com a realização de um megaevento sempre há grandes projetos urbanos como estratégia mercantil de valorização de diversas áreas, como turismo, transporte e setores imobiliários, impulsionados pela visibilidade proporcionada com a criação/consolidação de uma imagem positiva da cidade sede. (KÖRÖSSY; LEAL; CORDEIRO, 2020). Além da questão financeira, a prefeitura de Tóquio estava preocupada com a perspectiva artístico-cultural, optando pela implementação de diversas políticas que visavam a valorização da cultura visual, como o *Tokyo Mural Project*, que

criou e incentivou diversos murais de grafite em locais inesperados ao longo da área de Shintora, alterando consideravelmente a identidade visual urbana. (LIMA, 2018).

A abordagem de difusão cultural imagética é corroborada por Araujo e Oliveira (2020), que analisam a campanha *Cool Japan*, utilizada como base para a promoção dos Jogos Olímpicos. Esta campanha se apoia em elementos populares da cultura japonesa, como os mangás, animes e jogos digitais que serviram nas últimas décadas como estratégia política para difusão da cultura e dos valores japoneses. A partir da promoção de uma imagem simpática, o Japão posiciona-se internacionalmente e age através do poder de influência indireto, ou *soft power*. Esses fatos evidenciam o cuidado e planejamento que se teve com as Olimpíadas de 2020. Todo o preparo que se teve precisou ser readequado poucos meses antes do início dos Jogos, devido a crise sanitária instaurada.

Segundo Russo *et al*(2022), o Japão adotou como estratégia para o sucesso das Olimpíadas o meio digital. Não apenas a tecnologia 5G, as estruturas de transmissão ou os conteúdos personalizados, mas inclusive a gamificação dos espaços através dos *smartphones* e da realidade aumentada. Essas formas de consumo somadas com a inclusão de esportes de demonstração, como skate e surf, visavam atrair um público mais jovem que possui menor adesão ao megaevento. Com mais espectadores, os lucros com patrocinadores também são maiores.

Mais de um ano e meio após os primeiros casos de infecção de COVID-19, as páginas B9 e B10 de 18 de julho mostram o cenário da sede momentos antes do megaevento. O tom que se passa é de melancolia, com relatos do jornalista e de moradores. O temor da pandemia e a frustração de não receber muitos convidados pairava no ar dos japoneses, mas a proibição quase total de público nos Jogos foi o ponto mais decepcionante, mesmo que o mais sensato. A notícia reafirma as condições históricas que classificam a edição como “sem precedentes” e apresenta alguns elementos que estiveram presentes nas Olimpíadas relativos à tocha olímpica. Por fim, o jornal apresenta uma análise das motivações para o não cancelamento dos Jogos. Ela indica que questões políticas e financeiras foram responsáveis pela execução das Olimpíadas, mesmo nas condições indicadas anteriormente.



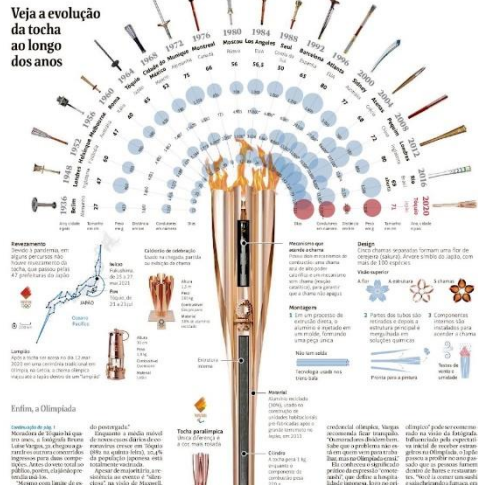
Enfim, a Olimpíada

Jogos Olímpicos finalmente se materializam para uma edição sem precedentes

Por **Renata de Castro**

Depois de mais de um ano de preparação, os Jogos Olímpicos de Verão de 2020 finalmente começaram a ser realizados em Tóquio, no Japão, em 23 de julho. A edição de 2020 é considerada a mais peculiar da história do esporte, com o evento sendo realizado em um país que não é tradicionalmente sede das Olimpíadas e com o evento sendo adiado por um ano devido à pandemia de COVID-19.

Os Jogos Olímpicos de Verão de 2020 foram realizados em Tóquio, no Japão, em 23 de julho. A edição de 2020 é considerada a mais peculiar da história do esporte, com o evento sendo realizado em um país que não é tradicionalmente sede das Olimpíadas e com o evento sendo adiado por um ano devido à pandemia de COVID-19.



Enfim, a Olimpíada

Os Jogos Olímpicos de Verão de 2020 finalmente começaram a ser realizados em Tóquio, no Japão, em 23 de julho. A edição de 2020 é considerada a mais peculiar da história do esporte, com o evento sendo realizado em um país que não é tradicionalmente sede das Olimpíadas e com o evento sendo adiado por um ano devido à pandemia de COVID-19.

Política e dinheiro ignoram bom senso, e Tóquio segue com medo

Por **André**

Apesar de já estar em andamento, a edição de 2020 dos Jogos Olímpicos em Tóquio enfrenta desafios políticos e financeiros. O governo japonês tem buscado garantir a segurança do evento, mas a situação econômica do país e a preocupação com a saúde pública continuam sendo fatores críticos.

Os Jogos Olímpicos de Verão de 2020 foram realizados em Tóquio, no Japão, em 23 de julho. A edição de 2020 é considerada a mais peculiar da história do esporte, com o evento sendo realizado em um país que não é tradicionalmente sede das Olimpíadas e com o evento sendo adiado por um ano devido à pandemia de COVID-19.

Fonte: páginas B9 e B10 de 18 de julho - Jornal Folha de S. Paulo - <http://acervo.folha.com.br>

Grande parte dos preparativos para os Jogos já estava concluído, inclusive com testes das arenas 8 meses antes das competições, mas a ameaça sanitária não foi algo previsível e impactou de diversas formas, sobretudo no agendamento dos espaços alugados, que seriam desmontados após o megaevento, assumindo um papel mais ecológico e sustentável. Cerca de 60% dos espaços foram pensados deste modo. Além da questão dos espaços, havia o treinamento e gerência dos trabalhadores do Comitê Organizador, as campanhas de marketing dos patrocinadores e as confederações que buscavam respostas em meio a tantas incertezas. No final das contas, a janela para a realização das Olimpíadas era apertada e um conjunto de fatores e agentes pressionaram os organizadores de diferentes lados. (RUSSO; *et al*, 2022).

Modalidades

Uma das especificidades dos Jogos Olímpicos de 2020 foi o aparecimento de 5 práticas corporais que compuseram as modalidades do programa olímpico. O próprio COI

justificou as inclusões como meio para angariar espectadores jovens, com pouco interesse nos demais esportes. Assim, surfe, skate, softbol, escalada e karatê foram inseridos como modalidades em Tóquio. Mezzaroba e Santos (2021) encontraram uma relação direta entre os esportes com potencial para conquista de medalhas (surfe, karatê e skate) com o agendamento midiático realizado por dois outros veículos de informação no Brasil. Isso não pode ser percebido na Folha de São Paulo.

Ao todo, a categoria contou com 3 notícias que agendaram a modalidade surfe na Folha, com seu enfoque em elementos indiretos, como vestimenta e estátuas. Como comparativo, houve 5 notícias falando apenas sobre o basquete, uma modalidade típica. Entretanto, as notícias com maiores destaques comparavam as modalidades da Tóquio 2020 com a Rio 2016. É o caso da notícia da página B8 do dia 09 de julho que anunciou “Investimento público no esporte após Jogos do Rio caiu R\$ 350 mi”.



Investimento público no esporte após Jogos do Rio caiu R\$ 350 mi

Pesquisa da Universidade de Brasília indica que aporte para o ciclo olímpico dos Jogos de Tóquio-2020 migrou para o futebol

Investimento público no esporte desde 2004

Ano	Investimento (R\$ milhões)
2004	~100
2005	~150
2006	~200
2007	~250
2008	~300
2009	~350
2010	~400
2011	~450
2012	~500
2013	~550
2014	~600
2015	~650
2016	~700
2017	~650
2018	~600
2019	~550
2020	~500

Investimento em Rio 2016 vs Tóquio 2020

Modalidade	Rio 2016 (R\$ milhões)	Tóquio 2020 (R\$ milhões)
Futebol	~1.500	~1.200
Basquete	~1.000	~800
Vôlei	~500	~400
Tênis	~300	~200
Handebol	~200	~150
Outros	~1.000	~1.000

Fonte: páginas B8 de 09 de julho - Jornal Folha de S. Paulo - <http://acervo.folha.com.br>

A notícia inicia a sua argumentação com o objetivo que o Brasil almejava de ficar entre os 10 países no quadro de medalhas nas Olimpíadas do Rio em 2016 e para isso foram investidos cerca de R\$ 3,2 bilhões, já no ciclo de Tóquio 2020, foram investidos apenas R\$ 2,8 bilhões. A crítica que se faz é a de que houve desmantelamento

das políticas de investimento ao esporte olímpico e paralímpico, passado o período denominado de “euforia de uma Olimpíada em casa”. Apesar do próprio texto afirmar que os investimentos de 2017 a 2020 foram superiores aos ciclos anteriores a Rio 2016, o discurso midiático ressalta a ideia de desinvestimento e aponta diversos causadores, como a redução de bolsas atleta, diminuição dos patrocínios estatais e a transformação do Ministério do Esporte em uma secretaria especial. Para corroborar esses argumentos, a Folha ocupa uma página inteira, trazendo vários gráficos, destacando a fala de um especialista e apresentando uma fotografia do símbolo olímpico em uma praia de Copacabana, com uma paleta escura, um enquadramento de baixo para cima, demonstrando com superioridade a posição do megaevento anterior, agora com o céu coberto de nuvens, simbolizando tempos sombrios ao que outrora foi iluminado e próspero, elementos em alusão aos Jogos Olímpicos do Rio. Esses signos extralinguísticos servem para reforçar a ideia que a notícia tenta apresentar: a tese de que o ciclo anterior fora muito superior ao que possivelmente seria os Jogos de Tóquio (JOLY, 1996), utilizando como base os investimentos realizados pelo Brasil.

Apesar da tese defendida pelo jornal, Fernandes, Avila e Carmo (2019) verificaram que países que sediaram um megaevento apresentam um quadro de incremento nas conquistas de medalhas que é consistente apenas a partir da terceira edição subsequente. Essa tendência pode ser explicada justamente pelos altos índices de investimento no esporte durante o ciclo em que o país sediará, porém as políticas de incentivo levam anos para gerar frutos estáveis na performance de atletas. Eles concluem assim que o tempo para o amadurecimento destas políticas é um fator mais importante do que o montante investido. Um olhar a partir de 2022 sustenta essa tese, já que o Brasil finalizou as Olimpíadas de 2020 em uma posição superior (12º colocado, com 21 medalhas) a de 2016 (13º colocado, com 19 medalhas).

Cultura Japonesa

Notícias desta categoria apresentaram aspectos da cultura japonesa a fim de familiarizar os leitores e evidenciar especificidades nos hábitos japoneses. Não é surpresa que parte substancial das notícias (totalizando 50 inferências) seja sobre a cultura japonesa, visto a visibilidade que um megaevento traz e a oportunidade midiática de explorá-lo como assunto, inclusive em outros aspectos que não o esportivo. A imagem geral que a Folha transmite sobre o Japão é de uma cultura patriarcal, tradicional, que

honra sua história, trazendo aspectos positivos que contribuem para as políticas de soft power do país (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2020), mas apresentando alguns elementos que depreciam a imagem exterior do país.

Um dos elementos negativos apontados pela Folha está nas rígidas normas sociais de gênero que o país adota, abordados na página 4 do Folha mais no dia 4 de julho. O jornal aponta que a cultura patriarcal japonesa tem dificultado o acesso e restringido as oportunidades de ingresso no esporte às mulheres. Menezes *et al* (2021) já analisaram as falas do ex-presidente do Comitê Organizador dos Jogos de Tóquio, Yoshiro Mori, que apresentam cunho machista e possivelmente refletem o posicionamento de grande parte da sociedade japonesa, inclusive de pessoas em cargos de comando. Na notícia em questão, a Folha apresenta a disparidade de times femininos em escolas japonesas quando comparadas aos masculinos, a diferença entre a cobertura esportiva midiática entre os sexos e a vinculação da mulher a papéis domésticos, o que também é apresentado em falas de japonesas trazidas por Menezes *et al.* (2021).

Manifestações Políticas

Um fenômeno que vem ocorrendo durante os Jogos Olímpicos nos últimos anos são as manifestações. Elas ocorrem como forma de expressão para voltar as atenções do público a pautas sociais, utilizando da visibilidade gerada pelo evento para mobilizar determinadas causas. Prevendo ações do gênero e a emergência de atos neste sentido, o COI revisa regras de manifestações, permitindo-as nos locais de jogos, porém antes do início das competições, como retratado na página B7 de 03 de julho. Na página B7 do dia 20 de julho, a Folha volta a tocar no assunto em entrevista com o vice-presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Marco la Porta. No dia seguinte, a página B7 de 21 de julho traz em uma página inteira mais sobre o ativismo nas competições. A Folha apresenta uma foto de 2004 de Diogo Silva após sua derrota nas Olimpíadas de Atenas, onde o atleta eleva seu punho em referência ao movimento dos Panteras Negras, grupo que combatia a discriminação racial nos Estados Unidos. A fotografia cruza a página com o atleta mais abaixo, como que em alusão a um movimento maior do que o atleta, porém sustentado/representado por ele. No texto, o jornal apresenta falas de outros atletas, argumentando que apesar da flexibilização do COI, os competidores têm pouca voz nos Jogos. Muitos estudos apontam para essa falta de visibilidade das narrativas e trajetórias de atletas, como é o caso das mulheres. (RUBIO; VELOSO, 2019).

Cancelamento dos Jogos

Apesar de apenas 4 notícias focarem totalmente no tema, diversas outras trouxeram em seus argumentos as críticas e protestos pedindo pelo cancelamento das Olimpíadas. Eles em geral estavam vinculados a movimentos japoneses, porém a Folha também destacou as falas do pesquisador e ex-atleta Jules Boykoff na página C8 do dia 18 de julho que criticou o formato dos Jogos que gera lucro apenas para grandes empresas e para o próprio COI. Como evidenciado por Russo *et al* (2022), adiar ainda mais ou mesmo cancelar o megaevento traria ainda mais prejuízos ao Japão, sofrendo pressões internas e externas para a realização delas, optaram por realizá-la em 2021 com todas as restrições que foram impostas.

Cobertura da Folha

As notícias desta categoria trataram de informar ao leitor sobre a equipe de cobertura, como os novos colunistas que comporiam o trabalho jornalístico no período e os serviços que o jornal disponibilizou aos seus clientes durante as Olimpíadas, como o serviço de *newsletter* para assinantes, ou seja, mensagens eletrônicas com resultados, reportagens e horários de competições direto na caixa de e-mail. A busca por aumentar a equipe especializada, tendo em vista o aumento de demanda que a cobertura dos Jogos requer é um posicionamento estratégico da Folha e vai de encontro com a diversificação e digitalização dos serviços, métodos de reestruturação e adaptação ao contexto histórico emergente, similares as mudanças oportunidades apontadas por Traquina (2005) em tempos anteriores.

Considerações Finais

A cobertura do jornal Folha de São Paulo retrata múltiplas facetas do megaevento. Entre elas, pode-se organizar a sua composição em dois blocos: o das relações simbólicas, tensões sociais e políticas e o das relações financeiras organizacionais e estruturais do megaevento.

No primeiro bloco, a categoria *Atletas* evidenciou os protagonistas da trama brasileira nos Jogos e agendou possíveis vitórias através de técnicas narrativas para

geração de empatia. Esta categoria se aproxima da categoria de *Manifestações Políticas*, uma vez que muitos dos atos são realizados por atletas em busca de visibilidade em pautas sociais. Outros movimentos sociais pediram especificamente o fim dos Jogos, devido à crise sanitária, que foi o caso das notícias enquadradas em *Cancelamento dos Jogos*. Por sua vez, a categoria *Cultura Japonesa* trouxe aos leitores perspectivas das desigualdades sociais do país, como é o caso do machismo estrutural que confere à mulher serviços domésticos em detrimento de outras ocupações.

As demais categorias, foram, de modo geral, abordadas pela Folha de maneira mais mercantil e pragmática. Em *Organização do Evento*, o jornal relata os diversos fatos que influenciaram a preparação e realização do megaevento, ressaltando as estratégias de *soft power*, digitalização do consumo de conteúdo e as consequências do Coronavírus para a sistemática das Olimpíadas. A categoria *Modalidades* noticiou esportes consagrados e com potenciais para aquisição de medalhas, seguindo uma tendência meritocrática, além de realizar comparações diretas entre investimentos realizados pelo Brasil na busca por esses resultados. Por fim, a categoria *Cobertura da Folha* apresentou aspectos pertinentes à própria circulação e manutenção do jornal como produto mercantil.

Estes pontos reforçam a pluralidade de interesses e movimentos que estão vinculados à realização de um megaevento. A emergência de questões sociais, crises sanitárias, lucros e visibilidade midiática em um mundo globalizado são pontos que não se esgotam com facilidade e os olhares aqui postos buscaram contribuir com o debate acerca dos Jogos Olímpicos ao analisar o posicionamento e a cobertura midiática da Folha de São Paulo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Mayara; OLIVEIRA, Alana. “Construindo o amanhã”: Cool Japan como recurso de soft power para a imagem do Japão nas Olimpíadas de 2021. **Revista Compólitica**. V. 10, n. 3, 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BATISTA, Cicélia Pincer; BARBOSA, Jackson da Silva. Teoria do agendamento e memória social: interface que não pode ser ignorada. In: 43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 2020, virtual. **Anais...**São Paulo: Intercom, 2020.

BRITO, Bruno José de Queiroz. Modern age Olympic Games: between tradition, mega-events and media spectacularization. **Olimpianos - Journal of Olympic Studies**. V. 6, 2022.

EHRENBERG, Karla Caldas; GALINDO, Daniel dos Santos. Os megaeventos esportivos e suas correlações simbólicas para além da publicidade. **Revista Comunicare**. v. 18, ed. 1, 2018.

FELTES, Alessandra Fernandes; RODRIGUES, Dienifer Letícia de Freitas; MÜHLEN, Caroline Von; SOUZA, Francieli Machado de; BARTH, Maurício; DIEDER, Janaína Andretta; MONTIN, Joaquin Marin; SANFELICE, Gustavo Roesse. A construção midiática do herói: a representação de Thiago Braz na Folha de São Paulo, nos Jogos Olímpicos Rio 2016. **Novos Olhares Sociais**. V. 3, n. 1, 2020.

FERNANDES, Letícia Garcêz de Almeida; AVILA, Lucimar Antônio Cabral de; CARMO, Carlos Roberto Souza. Análise de desempenho de atletas de alto rendimento: uma avaliação acerca do legado intangível proporcionado aos países sede dos Jogos Olímpicos. **Revista de Auditoria Governança e Contabilidade**. Monte Carmelo, v. 7, n. 27, p. 1-16, 2019

GALLEGO, Viviana; NISHIURA, Horoshi; SAH, Ranjit; RODRIGUEZ-MORALES, Alfonso J. The COVID-19 outbreak and implications for the Tokyo 2020 Summer Olympic Games. **Travel medicine and infectious disease**. V. 34, 2020.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

KÖRÖSSY, Nathália; LEAL, Suely Maria Ribeiro; CORDEIRO, Itamar José Dias. Empresariamento urbano, turismo e megaeventos: um estudo de caso em Lyon (França). **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**. V. 22, e202032, 2020.

LIMA, Laura Vieira Barreto de Oliveira. Cultura visual olímpica: os casos de Londres, Rio de Janeiro e Tóquio. **Revista Ensaios**. V. 12, 2018.

LINDGREN, Mia. Jornalismo narrativo pessoal e podcasting. Tradução: Gustavo Ferreira. **Radiofonias - Revista de Estudos em Mídia Sonora**. Mariana, v. 11, n. 1, p. 112-136, 2020.

MENEZES, Andrezza Gabrielli Silveira; PINTO JUNIOR, Jordan de Castro; LIMA, Juliana Carolina da Silva; SOARES, Douglas Verbicaro. O universo oculto nas falas machistas do ex-presidente do comitê dos Jogos Olímpicos de Tóquio-2020. **Revista Ilustração**. Cruz Alta, v. 2, n. 3, p. 53-64, 2021.

MEZZARROBA, Cristiano; SANTOS, Weverton Paulo dos. O agendamento-midiático esportivo em torno das cinco novas modalidades do programa olímpico de Tóquio/2020. **Cenas Educacionais**. Caetité, v. 4, n. e10555, p. 1-31, 2021.

NYE, Joseph S. **Bound to lead: the changing nature of American power**. New York: Basic Book, 1990.

RUBIO, Katia; MELO, Gislane. Além da personalidade: para um entendimento do papel social e da identidade do atleta. In: RUBIO, Katia; CAMILO, Juliana A. de Oliveira. **Psicologia Social do Esporte**. São Paulo, Laços, 1. ed., 2019.

RUBIO, Katia; VELOSO, Rafael Campos. As mulheres no esporte brasileiro: entro os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, n. 122, p. 49-62, 2019.

RUSSO, Eduardo; FIGUEIRA, Ariane Roder; KOGUT, Clarice Secches; MELLO, Renato Dourado Corra. Os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020: impactos da COVID-19 e da transformação digital. **Cadernos EBAPE.BR**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, 2020.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005.